

Ao ver isso, um sorriso quase imperceptível cruzou o rosto de Lin Zhengyi antes que ele assumisse uma expressão séria novamente.— Pronto, este aqui fica com você — disse, entregando o detido a Zhang Qiang. — Ah, e não os coloque na mesma cela. Aquele moleque falou bastante, mas preciso confirmar o depoimento dele pra ver se não mentiu. Mesmo querendo interrogar, Lin Zhengyi temia que o outro ladrão fugisse se percebesse algo estranho. Decidiu então capturá-lo primeiro.— Entendido! — respondeu Zhang Qiang, firme. Pouco depois, Lin Zhengyi retornou à Rua Zhengde e repetiu a estratégia, pegando o último ladrão em flagrante antes de levá-lo de volta à Rua Ronghua. Ao ver os outros dois comparsas, o recém-capturado mostrou a mesma surpresa, hesitação e desconfiança nos olhos. ["Ele também conhece os outros dois..."], pensou Lin Zhengyi, notando que o sistema ainda não considerava o caso encerrado. Ou seja: havia mais criminosos por perto. ["Isso está ficando cada vez mais interessante..."], murmurou, observando os três detidos. O único jeito de desvendar o caso agora era interrogá-los.---CAPÍTULO 14: UM GRANDE FEITO CAINDO NO COLO— Leve este pra lá. Vou interrogar aquele — ordenou Lin Zhengyi, entregando o último ladrão a Zhang Qiang e apontando para o segundo capturado.— Sim! — Zhang Qiang rapidamente o afastou. Mal foram para o canto, o segundo ladrão já se adiantou:— Chefe, eu conto tudo! O que quiser saber!— Oh? — Lin Zhengyi arqueou uma sobrancelha, sarcástico. — Já vai falar? Nem vai tentar resistir?— Pra quê? Já tem gente cantando, não adianta eu bancar o durão! — o ladrão riu nervoso, mas logo ficou sério. — Mas... tenho um pedidinho...— Um pedidinho? — Lin Zhengyi deu uma risada fria. — Acha que isso aqui é fonte dos desejos? Não é não. Pode falar ou não, tanto faz. — Ele apontou para o primeiro ladrão, preso no carro. — Aquele ali já contou tudo. Foi assim que peguei vocês dois. Mas não confio nele, por isso tô te dando chance. Só que se começar com exigências, vou considerar que ele falou a verdade... E ele disse que você era o mandante.— O QUÊ?! — O ladrão empalideceu, depois rosou: — Wu Erwu, aquele traíra! Até meu nome sujou? Só porque escapei da conta no restaurante e ele teve que pagar? Guardou mágoa até hoje?! Seus olhos faiscaram de ódio na direção de Wu Erwu, que, dentro do carro, apenas olhou confuso, sem entender a fúria. Virando-se de volta, o ladrão declarou:— Chefe, eu falo! Tudo! Sem exigências! Lin Zhengyi escondeu um sorriso.— Tá bom. Se colaborar direitinho, talvez eu até ouça seu pedido. Mas tem que ser algo bem pequeno, viu? Sabia que não podia ceder fácil, senão o sujeito se aproveitaria. Mas um incentivo ajudaria.— Valeu, chefe! — O ladrão animou-se, mas então hesitou. — É... por onde começo?— Começa pelo seu nome.— Me chamo Shi Shan, mas todo mundo me chama de Shisan.— E tem algum chefe por trás?— Tenho. Trabalho pro Feihong, da Gangue Changle. ["Feihong da Changle..."], Lin Zhengyi franziu a testa, recordando. A Changle era uma quadrilha pequena em Hong Kong, com uns 400 membros oficiais. Operava em áreas periféricas, e Feihong era seu líder mais influente, comandando cerca de cem homens no bairro de Tsz Wan Shan. O negócio deles? Roubo. Sim, roubo. Gangues maiores desprezavam isso — estragava a reputação e os negócios legítimos, como bares e casas de massagem. Afinal, se os clientes eram roubados antes mesmo de entrar, quem voltaria? E sem clientes, não haveria o que extorquir. O serviço de valet, bares, boates, casas de massagem e afins nem se fala. Se não tem cliente, como vai ter carro para estacionar? Se não tem gente, como esses lugares vão se manter abertos? O mesmo vale para prostituição, jogo ilegal e drogas. — Se o dinheiro do pessoal foi roubado, como vão gastar? Tudo isso é ilegal e exige pagamento em dinheiro vivo. Além disso, ninguém sabe se vai ser preso no dia seguinte, então só clientes muito próximos conseguem fiado. Por isso, as grandes organizações criminosas nem ligam para roubos pequenos. Para elas, o prejuízo indireto causado pelos furtos é muito maior do que o lucro que trazem. Mas o Fei-Hung é diferente. A Gangue Changle é uma organização de terceira categoria, sem força para bancar negócios como prostituição, jogos ou drogas. O território do Fei-Hung, o Monte Tsz Wan, é uma das favelas mais conhecidas de Hong Kong, e até a "taxa do chá" que ele cobra das lojas locais é pouca. Além disso, ele tem mais de cem subordinados oficiais para sustentar. Mesmo que uma gangue não precise pagar previdência ou salário fixo como uma empresa, você pelo menos tem que garantir que os caras comam, né? Se nem pra comer direito dá, quem vai seguir você? E alimentar mais de cem homens não sai barato. Com as migalhas que o Monte Tsz Wan oferece, não tem como cobrir os custos. Sem opção, o Fei-Hung acabou entrando no ramo dos furtos — algo que as grandes

ganges desprezam. Pode não ser grande coisa para os chefões, mas para uma organização pequena como a Changle, o lucro ainda é tentador. E quanto a atrapalhar outros negócios? — A Changle nem tem outros negócios pra atrapalhar! Isso era o que Lin Zhengyi havia aprendido nos arquivos da polícia. E, pelos filmes que assistira antes de reencarnar, ele também sabia que o Fei-Hung tinha uma subordinada especial: a Xiao Jieba, a heroína de *Os Reis do Crime*. Claro, mesmo que o Chen Haonan já fosse um dos protegidos do tio B, ainda não havia fama dele ter matado o Ba-Bi, então ele e a Xiao Jieba ainda nem se conheciam. Pensando nisso, Lin Zhengyi continuou perguntando: — Roubar é por falta de dinheiro ou tem outro motivo? — O chefe Fei-Hung disse que tá planejando um negócio grande. Quando der certo, todo mundo vai ganhar uma grana boa. Mas como tá faltando capital, ele mandou mais de cem "artesãos" como nós pra furtar em Yau Ma Tei — cada rua recebeu de um a cinco homens, dependendo do movimento. — Tudo que a gente rouba é entregue pra um cara específico, que registra e depois o Fei-Hung vende. O dinheiro vai pro negócio dele e, quando der lucro, a gente recebe de volta com juros! Shi Shan explicou, antes de resmungar irritado: — Aquele filho da mãe do Wu Erwu, o que vocês prenderam por último, deve ter medo de se queimar com o Fei-Hung e ainda tinha umas rixas comigo. Por isso jogou a culpa em cima de mim! *Artesãos?* Bom, roubar também é uma arte, então faz sentido chamar assim... Com essa explicação, Lin Zhengyi finalmente entendeu por que o sistema não tinha considerado o caso encerrado, mesmo com o Wu Erwu dizendo que não tinha cúmplices. Na cabeça do Wu Erwu, "cúmplice" era só quem roubava junto com ele, como o Shi Shan. Mesmo sendo da mesma gangue, não contava. E Lin Zhengyi também pensava assim. Mas, para o sistema, qualquer um da mesma organização envolvido na mesma operação era cúmplice. Por isso o caso ainda estava aberto. E, entendendo isso, Lin Zhengyi ficou empolgado. Por quê? Porque o Shi Shan tinha acabado de revelar que eram mais de *cem* "artesãos" trabalhando! Pelas palavras dele, dava pra deduzir que o Fei-Hung estava planejando algo grande. Mas, por maior que fosse, Lin Zhengyi não teria como participar da investigação — afinal, ele era só do Departamento de Trânsito. Mas esses mais de cem ladrões? *Esses* ele podia prender! Um ou outro ladrão não faz diferença. Alguns já formam um bando. Mais de dez, uma quadrilha organizada. Mas *mais de cem*? Isso sim era um mega-esquema criminoso! Um furto pequeno não chama atenção, mas uma operação dessa magnitude? Era uma *mina de ouro* de méritos caindo no colo dele! --- **Capítulo 15: Antes eles do que eu**

<http://portnovel.com/book/35/9559>